

Origem do interesse, motivação e preocupação ambiental em jovens engajados socioambientalmente na região metropolitana de Manaus-AM

Origin of the interest, motivation and environmental concern in socio-environmentally engaged young in the Manaus-AM metropolitan region

Damaris Teixeira Paz^a
Maria Inês Gaspareto Higuchi^b

^aMestra em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, Brasil.
End. Eletrônico: damaris.edu.paz@gmail.com

^bCoordenadora do Laboratório de Psicologia e Educação, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, AM, Brasil.
End. Eletrônico: higuchi.mig@gmail.com

doi:10.18472/SustDeb.v9n1.2018.25541

Recebido em 02.05.2017

Aceito em 09.01.2018

ARTIGO- VARIA

RESUMO

Esta pesquisa discute aspectos associados à origem do interesse ambiental em jovens engajados em coletivos socioambientais bem como as principais motivações e preocupações que os levaram à militância dessa natureza. A pesquisa de natureza qualitativa foi realizada com 19 jovens integrantes de seis grupos socioambientais de três cidades da região metropolitana de Manaus-AM. Os dados obtidos a partir de entrevistas semiestruturadas indicaram que as preocupações sobre problemas ambientais desses jovens se situam principalmente em âmbitos abrangentes. As contribuições de familiares e de professores, de amigos e da convivência com pessoas já engajadas em ações pró-ambientais referentes a esses problemas são apontadas como ativadores do interesse e ingresso nos coletivos socioambientais. Verificou-se que o interesse inicial em se inserir em um grupo abre caminhos para novas aprendizagens e ao mesmo tempo em que atende aos anseios juvenis de maior inserção social e engajamento em ações pró-ambientais.

Palavras-chave: Juventude; Coletivos Socioambientais; Engajamento Socioambiental.

ABSTRACT

This research discusses aspects associated to the emergence of environmental interest in young people engaged in social and environmental collectives as well as the main motivations and concerns that led

them to militancy of this nature. The qualitative research was carried out with 19 young people from six socio-environmental groups from three cities in the metropolitan region of Manaus-AM. The data obtained from semi-structured interviews indicated that the concerns about environmental problems of these young people are located mainly in broad areas. The contributions of family, teachers or friends and the coexistence with people already engaged in pro-environmental actions related to these problems, are pointed out as stimulators of interest and entry into social and environmental collectives. The initial interest in joining a group opens new avenues for learning and at the same time fulfills the youth's desire for greater social insertion.

Keywords: Youth; Socio-environmental Collectives; Socio-Environmental Engagement.

1 INTRODUÇÃO

A juventude no Brasil representa um expressivo grupo demográfico, constituindo um quarto da população (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010). Esse segmento traz inovações e aspectos distintos para a formação de uma sociedade que mesmo trazendo uma história proposta e estruturada pelos adultos que o antecedem, transformam e criam novos andamentos sociais. Na questão ambiental isso é muito evidente, de modo que é na juventude que reside esse desejo mais contundente de ser capaz de trazer transformações na sociedade atual (SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE, 2013).

Historicamente isso pode ser confirmado, pois parte das grandes mudanças ocorridas na sociedade teve participação juvenil ativa (SANDER, 2010). Por essa razão, no contexto das mudanças socioambientais com o foco na sustentabilidade, pode ter nos jovens um ativismo participativo que nos indica uma condição de melhor entendimento da sociedade como um todo. O protagonismo juvenil é indispensável no processo de socialização, no exercício da cidadania e na busca da sustentabilidade. Ao considerar essa aproximação juvenil às questões ambientais, é necessário evidenciar as características desse grupo que se identifica como juventude.

2 JUVENTUDE E MEIO AMBIENTE

Muitos autores consideram a juventude como uma categoria social plural. Como condição social, a juventude é um momento da vida muito especial que, influenciada pela cultura e pelo contexto histórico, proporciona um dinamismo notável (FERNANDEZ et al., 2014; SOUZA, PAIVA, 2012). Porém, em cada contexto, a juventude será vivida de maneira diferenciada, de modo que a realidade em que os jovens estão inseridos acaba por condicionar a forma como sua juventude é vivida (FERNANDEZ et al., 2014). Os jovens por muito tempo também foram considerados seres a devir, indivíduos que estariam em construção e que precisavam ser preparados para a fase adulta (PERONDI, 2013). Esse tratamento dado aos jovens limitava o seu poder de intervenção social, pois foram sendo enxergados como menores e menos importantes ante os adultos.

Um marco na consideração dos jovens como sujeitos de direitos, no Brasil, foi a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990 (PEIXOTO, 2011). A partir daí as políticas públicas para as crianças e adolescentes ganham força e mais incentivos. Os jovens também passam a ganhar mais espaço para garantia de seus direitos específicos, tanto em nível nacional quanto internacional. Isso decorre também de um fenômeno iniciado na década de 1990 chamado por “onda jovem”, que se caracteriza como um alto crescimento demográfico das pessoas na fase da juventude (SOUZA; PAIVA, 2012). No Censo de 2010 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010), as pessoas com idade entre 15 e 29 anos no país compreendiam um total de 51,3 milhões, o que corresponde a aproximadamente ¼ da população nacional, sendo 84,8% vivendo nas cidades e 15,2% no campo. Um número expressivo que reforça a necessidade de mais estudos para a compreensão dos fenômenos que ocorrem com essa população específica.

Segundo a Organização Mundial de Saúde –OMS, a juventude compreende a fase da vida de 15 a 24 anos. No Brasil, oficialmente, a juventude compreende a faixa de idade que vai de 15 a 29 anos.

Essa extensão na implementação de políticas públicas se justifica: por uma maior dificuldade dessa população ganhar autonomia e pelo aumento da expectativa de vida da população (GONÇALVES, 2010; SOUZA; PAIVA, 2012).

Ao considerar o contexto atual vivenciado pela juventude, a modernidade traz aspectos que influenciam diretamente a forma como esse momento será vivido. Uma juventude imersa nas consequências da modernidade e que nasceu com ela, hoje é a geração da web, do celular e das demais tecnologias, mas é também a geração que já nasceu ouvindo falar sobre o aquecimento global e as mudanças ambientais. As gerações que nascem nos anos 2000, já nascem com a comprovação científica de que a mudança climática ocorrida no planeta se potencializa com as demandas humanas, cujas ações ameaçam a vida (GONÇALVES, 2010).

Na Pesquisa Nacional sobre o Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros, realizada em 2013 (SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE, 2013) foi destacado que os jovens solicitam políticas específicas e que estes atuam na sociedade de maneira diferenciada. Apesar dos temas de interesse de preocupação apresentados pelos jovens serem predominantemente a saúde, a segurança e a educação, a questão ambiental passa a crescer como campo de interesse entre eles. Na pesquisa, 24% dos jovens indicaram querer discutir com a sociedade assuntos sobre meio ambiente e desenvolvimento sustentável (SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE, 2013). Mesmo que a causa ambiental não esteja como questão à frente das necessidades imediatas, o interesse pelo tema vem crescendo de uma geração para a outra (BIROLI, 2011). Os jovens atuais têm sido expostos a processos educativos onde os temas ambientais são presentes na escola, na TV, na internet e nos grupos que participam (PERONDI, 2013).

Entretanto, ainda na mesma pesquisa, o fenômeno das mudanças climáticas é visto por 58% dos jovens como um desafio muito importante a ser enfrentado no Brasil, e a destruição do meio ambiente considerada o problema que mais preocupa 25% dos jovens (sendo esta a preocupação prioritária para 4% deles). Isso é um ponto bem interessante no contexto socioambiental, visto que na Pesquisa Agenda Juventude Brasil (SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE, 2013) 91% dos jovens acreditam que a juventude detém a capacidade de mudar o mundo.

Diante desse cenário de aproximação com as questões ambientais, os jovens têm ampliado a sua participação nos coletivos socioambientais (grupos ou organizações). Essa inserção fomenta o engajamento socioambiental que é um tipo de comportamento pró-ambiental, onde a pessoa desenvolve ações para o cuidado ambiental visando transformações nas estruturas sociais (LEE et al., 2014; PATO; TAMAYO, 2006).

Os coletivos são espaços importantes para o desenvolvimento desse engajamento, principalmente pelo convívio com pares de mesmo conjunto de ideias. Pois, ao se inserir em um grupo, o jovem passa a integrar uma coletividade e a agir como coletivo, desenvolvendo novas ações, pensamentos e sentimentos, que agora são compartilhados por todas as pessoas que participam dessa coletividade (CASTANHO, 2012).

O surgimento do interesse e o próprio engajamento dos jovens em grupos com a temática ambiental têm como base características individuais e sociais que foram construídas ao longo de suas vidas. Há uma rede de relações de aspectos e características que contribuem (ou não) para que uma pessoa se interesse, se preocupe e assim atue na busca de uma sociedade mais sustentável. Entre eles há: crenças, valores, visão de mundo, atitudes, cultura, afeto, orientação de futuro, nível de educação formal, gênero, renda, entre outros aspectos (AGUILAR-LUZÓN et al., 2014; COELHO et al., 2006; CORRAL-VERDUGO et al., 2013; DINIZ; PINHEIRO, 2014; GIFFORD; NILSSON, 2014; KERKMAM, 2015; PATO, 2004; TURAGA et al., 2010). Tais características são construídas ao longo do tempo pelas experiências da pessoa, onde há contribuições do entorno, da família, da escola, dos amigos, etc. Entretanto, as características individuais ou psicossociais dialogam com um contexto sociocultural amplo onde a pessoa está inserida, inclusive de cunho histórico (AGUILAR-LUZON et al., 2014; CITRON-MOSCOSO, 2010; COLLADO et al., 2015; KAPLAN, 2000; MEYER, 2015).

Todos esses aspectos inerentes ao indivíduo contribuem para a formação de uma identidade social e ambiental. Como diz Carvalho (2007), é um modo de ser, que se orienta pela busca de um estilo de vida

mais ecológico. Uma busca por ações e escolhas que protejam o ambiente, inclusive no engajamento cívico em torno das questões socioambientais. Aqui são discutidos aspectos indicados como importantes entre os jovens, os quais se constituem base de seu engajamento protagonista nas questões ambientais.

3 MÉTODOS E TÉCNICAS ESTADOS DA AMAZÔNIA

Esse estudo de base qualitativa, descritiva-exploratória foi desenvolvido a partir de extratos de uma entrevista semiestruturada aplicada a jovens atuantes de grupos socioambientais. Os grupos foram identificados a partir de um levantamento inicial em uma etapa livre da Conferência de Juventude ocorrida em Manaus em 2015, e outras indicações dos demais entrevistados. Essa etapa da conferência tratava do eixo de meio ambiente do Estatuto da Juventude, que foi organizada por duas entidades ambientais da região, o Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável da Amazônia–Idesam e o Coletivo Jovem de Meio Ambiente do Amazonas – CJ-AM, mediados por uma consultora da Conferência de Juventude. Por isso participaram vários jovens ligados a diversos grupos que se identificavam com questões ambientais.

A partir do contato inicial e apresentação da pesquisa a alguns representantes de grupos socioambientais, solicitou-se a anuência dos grupos para a realização da pesquisa. Em casos onde não havia uma liderança formalmente instituída, realizou-se uma reunião de apresentação da pesquisa e convite para a participação na pesquisa. Em cada um dos seis grupos contatados, três a cinco jovens foram consensualmente indicados para participar das entrevistas. Os critérios para participação eram a sua disponibilidade e o tempo de efetiva participação no grupo, que deveria ser de pelo menos seis meses.

As entrevistas foram audiogravadas e realizadas individualmente em locais e horários agendados com o participante, com duração média de 20 minutos. A entrevista semiestruturada seguiu um roteiro com perguntas relacionadas ao perfil dos jovens e demais aspectos relacionados ao interesse, motivação em participar dos coletivos e preocupação ambiental.

A entrevista semiestruturada foi transcrita e analisada com a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), que consiste em identificar o conteúdo latente das respostas dadas na entrevista. Com a identificação desse conteúdo foi possível criar categorias que identificavam nessas respostas pontos comuns e divergentes. De modo específico a análise de conteúdo se divide em pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados; a inferência e a interpretação. Durante a pré-análise foram destacados trechos da transcrição que podiam servir como material de análise e de categorização (BARDIN, 1977). A exploração do material, a formulação das inferências e a interpretação das narrativas dos participantes foram norteadas pelos objetivos do estudo. A categorização das respostas consiste na definição de aspectos consensuais entre os discursos dos participantes, vinculados aos objetivos da pesquisa. Esse conjunto de análises auxiliou na elucidação das questões da pesquisa de modo que se apresentam categorias excludentes entre si.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 19 jovens, sendo oito mulheres e 11 homens, com idades de 16 a 29 anos, participantes de seis grupos distintos de atuação na área socioambiental. Os coletivos têm características e naturezas próprias de atuação, há entre eles movimentos socioambientais, ONGs e Projetos. Um dos grupos é da cidade de Iranduba, (G1) possui foco em atividades de educação ambiental em escolas e se auto caracteriza como movimento socioambiental. O segundo grupo (G2) é de voluntários de uma ONG internacional que atua na região e tem o foco em campanhas de proteção das florestas e combate à mudança climática. O terceiro grupo (G3) lida com a conservação de quelônios na região, formado por jovens universitários voluntários em um projeto de uma universidade federal. O quarto grupo (G4) envolve jovens de uma organização em rede em Manaus que atua em mobilizações e formações sobre as políticas voltadas à mitigação de gases de efeito estufa. O G5, conhecido como Movimento Socioambiental de Jovens da cidade de Novo Airão, desenvolve atividades de educação ambiental em escolas e comunidades na cidade. O G6, sediado em Manaus, se caracteriza como movimento socioambiental que envolve jovens e adultos focados em atividades para difundir a arborização e o uso da bicicleta na cidade.

Os participantes da pesquisa vivem na região metropolitana de Manaus-AM, Brasil, sendo 15 em Manaus (capital do estado que conta com mais de 2 milhões de habitantes), três em Iranduba (com aproximadamente 47 mil habitantes) e um em Novo Airão (com mais de 18 mil habitantes) (IBGE, 2017). A escolaridade dos jovens variou de ensino superior completo (5), ensino superior em andamento (12) e preparando-se para iniciar o ensino superior (2) (Tabela 1). Apenas um deles, o participante mais velho, interrompeu a faculdade de Engenharia Ambiental para dedicar-se ao trabalho também na área. A maioria desses jovens diz se dedicar à busca de aperfeiçoamento e formação profissional na área ambiental. Apenas dois jovens, os mais jovens desse grupo de entrevistados, são os que almejam atuar em profissões de áreas distintas da ambiental. Os demais ou já atuam ou pretendem exercer suas atividades em funções que envolvam a temática ambiental, mesmo aqueles que queiram atuar com comunicação, educação, publicidade ou direito.

Tabela 1– Perfil dos jovens entrevistados.

Informações do Perfil	Perfil dos Jovens Entrevistados	
	Categorias	Porcentagem
Renda	Alta	10,5%
	Média	89,5%
Idade	16 - 18	15,8%
	19 - 21	31,6%
	22- 24	26,3%
	25- 29	26,3%
	Superior Completo	26,3%
Estudos	Superior Incompleto	63,2%
	Médio	10,5%

Fonte: As autoras, 2017.

Seis (6) participantes moram sozinhos ou com o cônjuge, os demais jovens (13) moram com a família. A saída de casa tem relação tanto com a necessidade de continuar os estudos em outros locais quanto pela independência financeira já conquistada. Dos 13 jovens que ainda moram com a família, seis já trabalham. Mas quase todos (12) ainda estudam, inclusive na pós-graduação.

Esses jovens se diferenciam da maior parte dos jovens brasileiros nessa questão, pois segundo Silva et al. (2015), ao analisarem o perfil dos jovens trabalhadores brasileiros a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio –Pnad de 2006 e de 2013, verificaram que os jovens de 18 a 24 (idade que abrange a dos jovens aqui pesquisados) trabalham em média 36,51 horas semanais e possuem em média 9,8 anos de estudo. O que significa que, em 2013, a maior parte dos jovens trabalhadores não tinha se formado no ensino médio (equivalente a 12 anos de estudo). Ainda sobre a formação, apesar do acesso ao ensino superior ter aumentado no país, os índices ainda são baixos. Segundo Corbucci (2016), no Censo de 2010 apenas 18,7% dos jovens de 18 a 24 anos haviam tido esse acesso. Os jovens aqui entrevistados fazem parte dessa população que tem o acesso ao ensino superior, seja nas instituições públicas ou particulares de ensino.

Considerando a renda familiar e a renda *per capita*, os jovens participantes podem ser considerados de classe média (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA, 2015), pois 17 participantes declararam ter uma renda domiciliar *per capita* de R\$667,00 a R\$2.000,00. Dois afirmaram possuir renda familiar *per capita* acima de R\$3.000,00, sendo, portanto, de classe média alta. O que permite a esses jovens ter acesso a recursos relevantes para o lazer, informação, formação profissional e cultura.

Pouco mais da metade dos participantes (10) disseram já ter participado de outros grupos, como grupos de jovens de igrejas ou outros movimentos, como o movimento Punk, contra a corrupção, movimento

estudantil (centros acadêmicos), ONGs, projetos acadêmicos na área ambiental e projetos sociais. E alguns deles ainda participam de outros grupos como os já citados e até outras organizações na área ambiental. Isso mostra que o engajamento cívico observado nesses jovens é expressivo.

A maioria dos participantes atua de modo voluntário, mas há alguns que de alguma forma, seja por meio de contrato de trabalho ou por projeto de iniciação científica, após um tempo de voluntariado passaram a ser remunerados pelo trabalho desenvolvido. São esses jovens que mostram suas experiências e a associação delas com sua participação em grupos socioambientais.

Considerando-se que fatores pessoais estão inevitavelmente atrelados ao respectivo engajamento socioambiental manifestado no grupo, este estudo partiu do questionamento dessas implicações na conformação do coletivo que o jovem acaba por se engajar. Aqui serão apresentados aspectos que, apesar de contribuírem para o engajamento socioambiental dos jovens, não estão diretamente associados ao coletivo, mas sim na idiosincrasia de cada membro. Nesse sentido, os jovens mostram que a adesão ao coletivo é um produto e produtor de sua história com outros e que se entrelaça com suas próprias características na formação do interesse e preocupação ambiental, das crenças e comportamento pró-ambiental.

4.1 A FORMAÇÃO DO INTERESSE SOCIOAMBIENTAL

A escolha que cada indivíduo faz sobre suas atuações sociais não é apenas uma empreitada essencialmente individual, visto que aspectos socioculturais e contextuais são inevitavelmente envolvidos (DINIZ, 2017). Para os jovens entrevistados nesse estudo, o interesse pelas questões ambientais ocorreu de forma diferenciada, de modo que três categorias emergiram a partir das narrativas apresentadas. Para alguns jovens, foi um acontecimento pontual; para outros se deu pela contribuição de uma pessoa em especial; e para alguns dos jovens foi a convivência com pessoas já engajadas socioambientalmente (Tabela 2).

Um acontecimento pontual

O interesse pelas questões ambientais para 42% (8) dos jovens foi iniciado a partir de um acontecimento pontual, a partir do qual os jovens passaram a enxergar as questões ambientais de uma maneira mais próxima. Entre os acontecimentos há a participação em seminários e feiras de ciências, vídeos e a participação em cursos. Como exemplo:

Aí eu acho que foi esse videoclipe que me motivou a lutar por causas ambientais, porque nesse vídeo aparecem muitas campanhas do * , e as pessoas sendo presas, ou atacadas por madeireiros, ou árvores sendo cortadas, baleia sendo morta. E eu fiquei bastante impactado sabe [...] (M, 23).

Eu comecei a participar, perto de casa eu participei da OELA, [...] que é a Oficina Escola de Luthera da Amazônia. Aí eu já gostava de trabalhar essas questões ambientais [...] acho que eu tinha uns 14, 14 ou 15 anos, [...] aí eu fiz esse curso de educação ambiental lá. Aí foi desde daí que eu comecei a gostar (M, 25).

Observa-se, nesses casos, a contribuição de outros espaços de socialização além da família. Eventos que ocorreram na adolescência dos jovens entrevistados. Há um sentimento construído de pertença à causa ambiental, onde eles sentem que podem contribuir e serem importantes para a defesa ambiental, pois a causa ambiental tem se mostrado interessante aos jovens por ser um espaço onde eles podem contribuir para a construção de mudanças sociais (CARVALHO, 2007).

A contribuição de uma pessoa em especial

Para parte dos jovens, 37% (7) teve uma pessoa que os influenciou continuamente em algum momento de suas vidas a se preocupar mais com o ambiente e com as questões sociais. Essa ligação emocional fez com que as percepções dos jovens sobre tais situações fossem modificadas. O surgimento do interesse ambiental ocorreu durante a infância e a adolescência, dentro da família ou na escola, por convívio com uma pessoa que já tinha interesse e identificação com o ambiente. Entre as pessoas importantes

nessa transformação tem avós, pais, tios e professores. Os trechos a seguir mostram essa contribuição:

E sempre ele me falou: eu tenho muito amor à terra, aos animais. Então posso dizer que o meu avô foi uma grande influência pra mim (M, 29).

É, eu tive uma professora, quando eu tava na sétima série, que ela falava bastante sobre a causa ambiental, [...] como a gente poderia preservar, como a gente poderia mudar as coisas (F,24).

Tabela 2– Origem do interesse socioambiental.

Tipo	Percentual (%)
Acontecimento pontual	42
Contribuição de uma pessoa em especial	37
Convivência com pessoas ativas na mobilização ambiental	21
Total	100

Fonte: As autoras, 2017

Aqui se observa a grande contribuição dos adultos no surgimento do interesse ambiental dos jovens. Torna-se comprobatório também para ações socioambientais que ao observar comportamentos e atitudes de cuidado ambiental a criança e/ou jovem adolescente se inspira em fazer o mesmo (WINDHORST; WILLIAMS, 2015; VESELINOVSKA et al., 2010). Na infância, esse contato com a natureza é muito importante para a formação da conexão dessa pessoa com o ambiente, pois, ao ver adultos respeitando e cuidando da natureza, a criança terá um repertório de boas práticas nas quais pode se inspirar (VESELINOVSKA et al., 2010).

A convivência com pessoas engajadas socioambientalmente

A convivência direta com problemas ambientais e com o grupo socioambiental fez com que 21% (4) desses jovens passassem a se interessar mais pelas questões ambientais. Como é demonstrado nas falas a seguir:

Começou durante a graduação mesmo, acho que foi mais a convivência com pessoas da minha turma ou conhecidos que participaram, e eu acho que foi na minha primeira viagem mesmo (F, 24).

Eu acho que a Rio+20, eu quis muito ir mas eu não pude. Então eu fiquei aqui me reunindo com os grupos que tavam indo e discutindo algumas questões daqui (F, 29).

Como mostram as falas acima, a proximidade dos problemas ambientais pode fazer com que as pessoas se envolvam de uma maneira mais efetiva para combatê-los. Além disso, o contato com os grupos ambientais possibilita aos jovens novos laços de amizade e a construção de conhecimentos mais aprofundados sobre os problemas ambientais. Isso permite que eles se envolvam cada vez mais com a causa e o grupo ambiental (REES; BAMBERG, 2014; LARSON et al., 2015).

O interesse pelas questões ambientais surge nos jovens de maneira diferenciada. Os jovens encontram nos coletivos sociais a possibilidade de saciar sua necessidade de participação, inserção e de visibilidade. Por ser um espaço que agrega problemas concretos e uma dimensão ético-moral, a temática ambiental acaba sendo um atrativo para a participação dos jovens (CARVALHO, 2007).

Verifica-se que, de uma maneira geral, o interesse pelas questões ambientais surgiu durante a infância e a adolescência. Apesar de nem todos manifestarem esse interesse imediatamente, em dado momento encontra um espaço propício para expressar algo que foi sendo gestado consciente ou inconscientemente. Enquanto o afloramento em prol de causas ambientais dá-se antes de ingressar nos grupos, esse interesse cresce e se efetiva com a participação nas atividades do grupo. Tal participação, no entanto, está associada e depende em boa dose de apoio externo, como a família.

4.2 PREOCUPAÇÃO AMBIENTAL

A preocupação ambiental é um dos fatores que contribuem para a intenção de agir pró-ambientalmente. A preocupação ambiental envolve necessariamente um contato de proximidade ou de maior conhecimento acerca dos problemas ambientais, diferente do interesse ambiental, que é um construto mais geral e abrangente. Nesta seção são apresentados os problemas ambientais com os quais os jovens mais se preocupam e os critérios que eles utilizam para escolher as ações ambientais que desejam realizar.

Ao falar sobre os problemas ambientais que mais os preocupam, os jovens citaram problemas de três naturezas diferenciadas: problemas abrangentes, problemas tanto locais quanto globais, e problemas próximos (Tabela 3).

Tabela 3 – Tipo de problemas que mais preocupam os jovens

Tipo	Percentual (%)
Acontecimento pontual	42
Contribuição de uma pessoa em especial	37
Convivência com pessoas ativas na mobilização ambiental	21
Total	100

Fonte: As autoras, 2017

Problemas Globais

Entre os jovens, 53% (10) se mostram preocupados com problemas de grande amplitude, tais como o aquecimento global e poluição das águas. Nem sempre associados a uma realidade específica do jovem.

Acho que mais a questão do aquecimento global mesmo, é o que mais me preocupa. Porque é ele que causa todas as mudanças climáticas praticamente que vêm ocorrendo no mundo (M, 29).

O desperdício de água, eu acho que água é vida né, se você desperdiça tanto, um dia pode faltar pra todos (F, 22).

Os jovens, principalmente os universitários, têm cada vez mais acesso às informações ambientais, seja por meio da mídia ou dos seus próprios cursos de graduação (CÔRTEZ et al., 2016). Esse acesso faz com que eles se preocupem mais com os problemas ambientais, principalmente os abrangentes, pois são os mais divulgados e discutidos.

Problemas Locais e Globais

A preocupação que inclui não apenas problemas de escala local, mas também global, é compartilhada por 26% (5) dos jovens atuantes em coletivos socioambientais. A capacidade de ver tanto o seu entorno como o planeta parece reger essa preocupação.

Em relação a uma escala local, o que mais me preocupa é o processo de urbanização no município de Iranduba; eu percebo a gente perdendo boa parte da floresta que tem no município [...]. Em nível internacional eu percebo a falta de cooperação, não só em nível internacional mas eu acho também local, a falta de cooperação entre as diferentes políticas, as diferentes instituições pra trabalhar as questões ambientais [...] (M, 23).

Acho que o que mais me deixa preocupada é caça ou comercialização ilegal [...]. A poluição também das águas, dos mares, dos rios dando problemas, afeta todo o ambiente né, eu acho que são grandes problemas assim (F, 24).

As pessoas valorizam as suas preocupações com problemas ambientais de acordo com os prejuízos que esses problemas podem causar para si mesmos, para as outras pessoas ou para a biosfera (AMÉRIGO;

GARCIA, 2014). Os jovens com preocupações locais e globais percebem diferentes problemas ambientais, em diferentes níveis e com um olhar sobre as causas e as consequências de tais problemas. Eles têm um olhar mais amplo sobre as dinâmicas socioambientais, compreendendo que há relações entre os problemas locais e os problemas globais, o que pode estar associado a maiores níveis de conhecimento sobre as questões ambientais.

Problemas locais próximos

Para 21% (4) dos jovens, vivenciar na pele problemas ambientais os aproxima das preocupações ambientais. São aqueles problemas ambientais próximos à sua realidade ou que eles tiveram contato há pouco tempo.

Queimada. Porque quando a gente viaja pro interior tem algumas áreas que a gente vê que tá tendo aquele ataque, porque é um ataque mesmo (M,21).

Eu diria que é um antigo que pouco se discute que é a degradação ainda das áreas verdes de Manaus que acarreta assim muita morte de animais silvestres. Falo isso porque eu tô trabalhando com isso e eu vejo isso né (M, 25).

Quanto mais próximo é o problema ambiental, maior é a vontade da pessoa em participar de ações para enfrentá-lo (LARSON et al., 2015). No entanto, nesse grupo de entrevistados, essa realidade foi a que manteve menor percentual. A proximidade com o problema ambiental pode ser por causa do trabalho, do local de moradia, da área de estudo, ou por outras experiências, que podem favorecer um conhecimento maior sobre tal problema e também fazer com que o jovem vivencie as suas consequências. Há nesse aspecto uma individualização evidente, e que na maioria dos jovens isso não aconteceu, mostrando uma postura menos reacionária e mais política.

A preocupação ambiental é um fator individual atrelado ao lugar onde a pessoa vive, ao seu conhecimento ambiental e às suas experiências de vida. Os jovens se preocupam tanto com problemas de grande amplitude quanto com problemas mais locais e regionais. Na sua maioria, são capazes de apontar soluções para tais problemas, onde há o envolvimento dos cidadãos comuns, das ONGs e movimentos sociais e do governo. Essa preocupação os movimenta a procurar maneiras de intervir na realidade e buscar mais informações sobre tais problemas.

4.3 INGRESSO NO COLETIVO AMBIENTAL

Apesar de já possuírem vários aspectos pessoais e experiências que os aproximaram das questões ambientais, as ações pró-ambientais só ganharam força com a entrada do jovem no grupo. Essa entrada foi mediada por um convite de amigo ou colega, ou a partir de uma iniciativa individual do jovem em encontrar um grupo para se integrar. Constatou-se que a motivação central que impulsionou o engajamento inicial dos jovens no grupo foi de três tipos: (a) a atuação nas questões ambientais; (b) o desejo de se socializar com outros jovens; e (c) as experiências que o grupo poderia proporcionar para seu desenvolvimento pessoal (Tabela 4).

Tabela 4– Motivação central para o engajamento socioambiental

Tipo	Percentual (%)
Atuação nas questões ambientais	53
Desejo de socialização com outros	31
Expectativa de desenvolvimento pessoal	16
Total	100

Fonte: As autoras, 2017

Questões Ambientais

Para as pessoas interessadas nas questões ambientais (53%), o mais importante era se aproximar de atividades que envolvessem uma atuação com foco nos problemas relacionados ao meio ambiente e busca de soluções. Esses jovens dizem que o interesse ambiental já existia, e que existia um desejo implícito de participar de um grupo ambiental. Dessa forma, ao tomar conhecimento de determinado grupo, as oportunidades permitiram sua entrada e atuação efetiva na sociedade.

[...] eu me identificava bastante com a causa [ambiental] apesar de não ter o conhecimento necessário, então eu vi um instrumento para que eu pudesse aprender um pouco mais (F,24).

Eu tenho essa questão ambiental, meio ambiente, desde que eu sou criança, por influência da minha mãe [...]. Então eu procurei as reuniões, procurei saber como é que funcionava [...] (F,21).

Essa motivação é do tipo intrínseca ao comportamento pró-ambiental (HERNANDEZ et al., 2009), onde vê-se que os jovens já tinham uma identificação com as causas socioambientais e procuraram grupos onde pudessem realizar atividades para a proteção ambiental. A causa ambiental tem um grande potencial de identificação pelos jovens e é uma oportunidade para o engajamento social e político deles. Esse interesse pelas questões ambientais é destaque nos jovens, pois se apresenta como um problema concreto na atualidade e traz a valorização de uma dimensão ético-moral que não está presente em outras esferas políticas (CARVALHO, 2007).

Socialização com outros jovens

Para outros membros (31%), participar de um grupo socioambiental não era necessariamente um interesse específico. Participar desses grupos foi uma oportunidade casuística para seis dos jovens, que viram ser uma chance de se envolver com outros jovens, de integrar-se a um coletivo.

[...] Por mais que fosse ambiental, social, qualquer coisa, mas eu queria me engajar em alguma coisa entendeu [...] (M,23).

Inicialmente foi a curiosidade, e eu acho também que a vontade de me sentir parte de um grupo na época, foi o meu grupo de amigos que começou a participar [...] (M,23).

Verifica-se que boa parte das motivações iniciais desses jovens não contemplava uma relação estreita com o objetivo do grupo em si, uma vez que este seria um meio para alargar suas relações sociais. Contrário do que se anuncia no senso comum, mesmo sem participar de grupos sociais tradicionais, como os partidos políticos e os movimentos estudantis, os jovens atuais não deixaram de se interessar pela atuação social. A maior parte deles está em busca de participar ou já participa de grupos menos burocratizados e mais criativos (MAIA, 2013; ALMEIDA, 2009; ZITKOSKI; HAMMES, 2014).

Desenvolvimento pessoal

Para 16% dos jovens, a motivação para a sua participação no grupo que se afiliaram, representava uma oportunidade de aprender e de ter experiências importantes para a vida social e profissional.

Eu não sabia o que era inicialmente, mas depois ela foi me falando e que a gente poderia viajar e conhecer mais as populações de quelônios (F, 22).

[...] os alunos novos entram na faculdade, ainda mais os que mexem com bicho, essas coisas assim, querem logo campo né, querem ter uma interação logo, e alguém me informou sobre esse projeto e trabalhava com extensão [...] (M, 21).

Para esses jovens, a motivação individual é destoante da atividade socioambiental dos grupos. O interesse em aprender e em ter experiências se apresenta como algo mais individualista. Mesmo assim, é esse interesse que os move na busca da participação socioambiental, apesar da motivação fundamentada em um possível benefício ao indivíduo (STEG; VLEK, 2009). Esse fato nos mostra a necessidade de inserção social dos jovens em coletivos dinâmicos, e nessa perspectiva as atividades ambientais são um bom espaço para essa participação (CARVALHO, 2007). A busca por aprendizagem

é também uma busca pela melhoria da sua capacidade de participação e atuação na sociedade (SILVA, 2010).

Apesar dessas singularidades, constata-se que o que motiva a entrada dos jovens em um coletivo, de maneira geral, é a busca deles por um espaço de participação e interação com outros pares. Nesse sentido, os grupos ambientais ganham evidência como um importante espaço para que os jovens possam desenvolver essa necessidade participativa, da mesma forma que as questões ambientais ganham evidência nas agendas de jovens que não as consideravam antes desse coletivo permitir tal introdução.

Diante de tais resultados, infere-se que a motivação pode ser polissêmica, mas a efetivação da participação é benéfica para o jovem e para a sociedade. O interesse inicial em se inserir em um grupo abre caminhos para novas aprendizagens e ao mesmo tempo em que atende aos anseios juvenis de maior inserção social. Com essa necessidade atendida, os jovens têm a oportunidade de desenvolverem-se socialmente e se engajarem nas questões socioambientais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação de um indivíduo com o tema ambiental percorre diversos caminhos, mas para esses jovens alguns fatores pessoais, como um interesse nato ou desenvolvido, formam redes que tecem um encontro com outros que tenham o mesmo ideal. Essa condição de ser um sujeito socioambiental é um conglomerado de aspectos que juntos manifestam um indivíduo que se completa em um grupo que almejava se inserir para dar vazão aos seus ideais.

Verifica-se que há uma contribuição importante de membros da família e de outras pessoas, como professores e amigos, para o surgimento desse interesse, que ocorre muitas vezes em períodos importantes para a construção dos valores e da identidade da pessoa, como a infância e a adolescência. Essa vontade de participar, de provocar mudanças na realidade e de cuidar do ambiente só ganha força e efetividade nos grupos socioambientais. Desse modo, oportunidades de envolvimento familiar e comunitário em ações de cunho ambiental podem trazer novas perspectivas de engajamento e participação ativa na sociedade.

É nesse momento que o jovem tem a oportunidade de integrar iniciativas mais coletivas de proteção ambiental. O convívio com outros jovens, a partilha de informações e as vivências em grupo passam a fortalecer a vontade do jovem em agir pró-ambientalmente, além de poder ter alguns aprendizados que serão muito importantes para o seu engajamento socioambiental, pois ao analisar as falas desses jovens verifica-se que a participação no grupo é um fator que muda a maneira com que o jovem se relaciona com essas questões. É na atuação coletiva que o jovem se sente impulsionado a desenvolver e consolidar ações pró-ambientais.

O contexto onde esses jovens estão inseridos colabora para o fortalecimento do engajamento, visto que a Amazônia atrai iniciativas de proteção ambiental pelo fato de sua característica marcada pela natureza, biodiversidade e ameaças eminentes. Pelo forte apelo externo, esses jovens encontram vias de participação em coletivos, e a questão ambiental é um aspecto de grande desejabilidade social. Desse modo, os jovens encontram espaço, onde dialogam com movimentos e acontecimentos em nível regional, nacional e até internacional em torno das questões socioambientais. Oportunidades como essa favorecem não apenas a participação cidadã dos jovens, como o protagonismo juvenil em questões tão emergenciais como o cuidado ambiental.

Por fim, esse estudo traz luz à necessidade de maior aprofundamento sobre essas questões que definem atividades socioambientais a partir do indivíduo, vislumbrando maior fortalecimento tanto no processo educativo quanto na oferta de oportunidades para esse tipo de participação. Reconhece-se que o estudo aqui apresentado possui carências desse aprofundamento, mas fornece algumas pistas para investigações futuras que adentrem nesse terreno das nuances psicossociais e questões ambientais.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR-LUZÓN, M.C.; CALVO-SALGUERO, A.; SALINAS, J.M. Beliefs and environmental behavior: the moderating effect of emotional intelligence. **Scandinavian Journal of Psychology**, n. 55, p. 619-629, 2014.
- ALMEIDA, R.S. **Juventude e Participação**: novas formas de atuação juvenil na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. **Critério de Classificação Econômica Brasil**. 2015. Disponível em: <www.abep.org>
- BIROLI, M.I.A.M. Geração Ambientalista, o Devir da História: jovens, política e meio ambiente. In: XI ENCONTRO DOS GRUPOS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO. **Anais...**Recife, 2011.
- CAMPOS, B. C.; POL, E. As crenças ambientais de trabalhadores provenientes de empresa certificada por SGA podem prever comportamentos pró-ambientais fora da empresa? **Estudos de Psicologia**, v.15, n.2, p. 208-213, 2010.
- CARVALHO, I. C. M. Subjetividade e sujeito ecológico: contribuições da psicologia social para a educação ambiental. In: **Educação ambiental: fundamentos, práticas e desafios**. Itajaí (SC): Editora da Univali, v. único, p. 29-36, 2007.
- CASTANHO, P. Uma Introdução aos Grupos Operativos: teoria e técnica. **Vínculo**, v.9, n.1, 2012.
- CINTRÓN-MOSCOSO, F. Cultivating Youth Pro-environmental Development: a critical Ecological Approach. **Ecopsychology**, v.2, n.1, p. 33-40, 2010.
- COELHO, J.A.P.M.; GOUVEIA, V.V.; MILFONT, T.L. Valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.11, n.1, p.199-207, jan/abr, 2006.
- COLLADO, S. et al. Spanish versión of the Children’s Ecological Behavior (CEB) Scale. **Psicothema**, v. 27, n.1, p. 82-87, 2015.
- CORRAL-VERDUGO, V. et al. Las Virtudes de la humanidad, justicia y moderación y su relación con la conducta sustentable. **Revista Latinoamericana de Psicología**, v. 45, n.3, p. 361-372, 2013.
- CÔRTEZ, P. L.; MORETTI, S.L.A. Consumo Verde: um estudo transcultural sobre crenças, preocupações e atitudes ambientais. **ReMark – Revista Brasileira de Marketing**, v.12, n.3, p.45-76, 2013.
- DINIZ, L.R. **Identidade e engajamento político de ativistas do movimento ambientalista do Norte e Nordeste do Brasil**. Tese (Doutorado em Psicologia) –Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2017.
- DINIZ, R. F.; PINHEIRO, J. Q. Cuidado Ambiental em Tempos de Sustentabilidade: relação de compromisso pró-ecológico e orientação de futuro. **Psico**, v.45, n.3, p.387-394, jul-set, 2014.
- FERNANDEZ, C.F.B. et al. Política Pública, Juventude e Sustentabilidade. **Argumentum**, Vitória (ES), v. 6, n.2, p. 201-217, 2014.
- GIFFORD, R.; NILSSON, A. Personal and social factors that influence pro-environmental concern and behavior: a review. **International Journal of Psychology**, v. 49, n.3, p. 141-157, 2014.
- GONÇALVES, P.M.C. **“Anticorpos de Gaia no Encontro das Águas”**: trajetórias de aprendizagem de jovens na trilha do ambientalismo. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

HERNÁNDEZ, B.; TABERNERO, C.; SUÁREZ, E. Psychosocial motivations and self-regulation processes that activate environmentally responsible behavior. In: VALENTIN, J.; GAMEZ, L. (Org.). **Environmental Psychology: new developments**. Nova Science Publishers, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo de 2010**. Disponível em: <www.censo2010.ibge.gov.br>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da Federação com data de referência em 1º de julho de 2017**. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2017/estimativa_dou_2017.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2017.

KAPLAN, S. Human Nature and Environmentally Responsible Behavior. **Journal of Social Issues**, v. 56, n. 3, p. 491-508, 2000.

KAPURDEWAN, M.; ISMAIL, Z.; ROTH, W.M. Promoting pro-environmental attitudes and reported behaviors of Malaysian pre-service teachers using green chemistry experiments. **Environmental Education Research**, v. 18, n. 3, p. 375-389, June, 2012.

KERKMAN, D.D. International Orientation, Cultural Values, and pro-environmental Attitudes: a brief progress report. **Bulletin of People-Environmental Studies**, n.42, p. 20-23, Winter, 2015.

LARSON, L.R. et al. Understanding the multi-dimensional structure of pro-environmental behavior. **Journal of Environmental Psychology**, n. 43, p. 112-124, 2015.

LEE, Y. et al. Antecedents and interrelationships of three types of pro-environmental behavior. **Journal of Business Research**, n.67, p. 2097-2105, 2014.

MAIA, G. L. A juventude e os coletivos: como se articulam novas formas de expressão política. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, v. 8, n.1, p. 58-73, 2013.

MEYER, A. Does education increase pro-environmental behavior? Evidence from Europe. **Ecological Economics**, n. 116, p. 108-121, 2015.

PATO, C.; TAMAYO, A. Valores, Creencias Ambientales y Comportamiento Ecológico de Activismo. **Medio Ambiente y Comportamiento Humano**, v.7, n.1, p. 51-66, 2006.

PATO, C.M.L. **Comportamento Ecológico: relações com valores pessoais e crenças ambientais**. Brasília, 2004. Tese (Doutorado em Psicologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

PEIXOTO, L.A.G. **O engajamento ecológico como possibilidade de formação da politicidade dos jovens**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável). Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

PERONDI, M. **Narrativas de jovens: experiências de participação social e sentidos atribuídos às suas vidas**. Tese (Doutorado em Educação)— Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

REES, J. H.; BAMBERG, S. Climate protection needs societal change: determinants of intention to participate in collective climate action. **European Journal of Social Psychology**, n.44, p. 466-473, 2014.

ROSA, D.C.C.B.; ROAZZI, A.; HIGUCHI, M.I.G. Psicamb- Perfil de afinidade ecológica: um estudo sobre os indicadores da postura perante a natureza. **Psico**, Porto Alegre, v. 46, n.1, p. 139-149, jan-mar, 2015.

SANDER, C. **Juventude e participação: um processo pedagógico**. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 3, 2010, São Paulo. Proceedings on-line... Associação Brasileira de Educadores Sociais (ABES), 2010. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092010000100004&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 11 ago. 2015.

SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE. **Agenda Juventude Brasil**: pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros 2013. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República/Participatório – Observatório Participativo da Juventude, 2013.

SILVA, E.R.; MACEDO, D.M.B.; FIGUEIREDO, M.M.A. **Conciliação dos estudos, trabalho e vida familiar na juventude brasileira**. Organização Internacional do Trabalho (OIT); OIT Escritório no Brasil; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Brasília: OIT, 2015.

SILVA, P. A subjetivação presente no discurso do protagonismo juvenil. **Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade**, n. 0, p. 12-18, 2010.

SOUZA, C.; PAIVA, I.L. Faces da Juventude brasileira: entre o ideal e o real. **Estudos de Psicologia**, v. 17, n. 3, set-dez, p. 353-360, 2012.

STEG, L.; VLEK, C. Encouraging pro-environmental behavior: an integrative review and research agenda. **Journal of Environmental Psychology**, n.29, p. 309-317, 2009.

TURAGA, R.M.; HOWARTH, R.B.; BORSUK, M.E. Pro-environmental Behavior: rational choice meets moral motivation. **Annals of the New York Academy of Sciences**, n. 1185, p. 211-224, 2010.

VESELINOVSKA, S. S.; PETROVSKA, S.; ZIVANOVIC, J. How to help children understand and respect nature? **Procedia Social and Behavioral Sciences**, n.2, p. 2244-2247, 2010.

WINDHORST, E.; WILLIAMS, A. Growing Up, Naturally: the mental health legacy of early nature affiliation. **Ecopsychology**, v.7, n.3, 2015.

ZITKOSKI, J. J.; HAMMES, L.J. Juventude, educação e cidadania: os desafios da participação social e política. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.8, n.2, p.119-139, mai-ago, 2014.